



TEMPO DE CUIDAR

O trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade

www.oxfam.org.br



OXFAM
Brasil

A desigualdade econômica está fora de controle. Em 2019, os bilionários do mundo, que somam apenas 2.153 indivíduos, detinham mais riqueza do que 4,6 bilhões de pessoas. Esse grande fosso baseia-se em um sistema econômico sexista e falho, que valoriza mais a riqueza de um grupo de poucos privilegiados, na sua maioria homens, do que bilhões de horas dedicadas ao trabalho mais essencial - o do cuidado não remunerado e mal pago, prestado principalmente por mulheres e meninas em todo o mundo. As tarefas diárias de cuidar de outras pessoas, cozinhar, limpar, buscar água e lenha são essenciais para o bem-estar de sociedades, comunidades e para o funcionamento da economia. A pesada e desigual responsabilidade por esse trabalho de cuidado perpetua as desigualdades de gênero e econômica.

Essa situação precisa mudar. Governos ao redor do mundo devem agir para construir uma economia humana que seja feminista e que valorize o que realmente importa para a sociedade, em vez de promover uma busca interminável pelo lucro e pela riqueza. Investir em sistemas nacionais de cuidado para equacionar a questão da responsabilidade desproporcional assumida pelo trabalho de mulheres e meninas, adotar um sistema de tributação progressiva, com taxas sobre riquezas, e legislar em favor de quem cuida, são passos possíveis e cruciais a serem dados para uma mudança.

© Oxfam Internacional, janeiro de 2020

Este documento foi redigido por Max Lawson, Anam Parvez Butt, Rowan Harvey, Diana Sarosi, Clare Coffey, Kim Piaget e Julie Thekkudah.

Os autores agradecem a uma série de especialistas que generosamente contribuíram no processo de elaboração: o *Women's Budget Group*, Corina Rodriguez e Florencia Partenio da rede global Development Alternatives with Women for a New Era (DAWN), Salimah Valiani, FEMNET, Danny Dorling, Christoph Lakner, Jonathan Ostry e Branko Milanovic.

A Oxfam reconhece a contribuição de Charlotte Becker, Ranu Bhogal, Kira Boe, Rosa Maria Cañete, Rukia Cornelius, Anna Coryndon, Katha Down, Ellen Ehmke, Patricia Espinoza Revollo, Tim Gore, Irene Guijt, Victoria Harnett, Emma Holten, Didier Jacobs, Anthony Kamande, Thalia Kidder, Inigo Macias Aymar, Franziska Mager, Jessica McQuail, Alex Maitland, Katie Malouf Bous, Liliana Marcos Barba, Valentina Montanaro, Joab Okanda, Quentin Parrinello, Oliver Pearce, Lucy Peers, Kimberly Pfeifer, Angela Picciariello, Anna Ratcliffe, Lucia Rost, Susana Ruiz, Alberto Sanz Martins, Emma Seery, Rocio Stevens Villalvazo, Annie Thériault, David Wilson e Deepak Xavier na sua elaboração. Este documento faz parte de uma série concebida para informar o debate público sobre questões relacionadas a políticas de desenvolvimento e humanitárias.

Para obter mais informações sobre as questões abordadas neste documento, envie um e-mail para advocacy@oxfaminternational.org ou para a Oxfam Brasil contato@oxfam.org.br.

Esta publicação é protegida por direitos autorais, mas seu texto pode ser usado gratuitamente para fins de incidência, campanhas, educação e pesquisa, desde que a fonte seja reconhecida na íntegra. A titular dos direitos autorais solicita que qualquer uso dessa natureza seja registrado junto a ela para fins de avaliação de impacto. Para copiar o material em qualquer outra circunstância ou para utilizá-lo em outras publicações, traduzi-lo ou adaptá-lo, será necessário solicitar sua permissão prévia e poderá ser cobrada uma taxa. E-mail: policyandpractice@oxfam.org.uk.

As informações contidas neste documento estão corretas no momento da sua publicação.

Publicado por Oxfam GB para a Oxfam Internacional sob o ISBN 978-1-78748-541-9 em janeiro de 2020. DOI: 10.21201/2020.5419
Oxfam GB, Oxfam House, John Smith Drive, Cowley, Oxford, OX4 2JY, Reino Unido.

Foto da capa: Clarice Akinyi lava roupas na vila de Mashimoni, Nairobi, Quênia. Clarice tem orgulho de ser empregada doméstica, mas estava frustrada e irritada com o mau tratamento por parte dos empregadores. Clarice agora é um membro ativo do projeto Wezesha Jamii, no qual as mulheres trabalham juntas para apoiar uma à outra e melhorar sua comunidade. Foto: Katie G. Nelson/Oxfam (2017)

Tradução para português: Master Language Traduções e Interpretações Ltda., Brasília - Brasil

É HORA DE CUIDAR DE QUEM CUIDA

Em 2019, os bilionários do mundo, que somam apenas **2.153 PESSOAS**, detinham juntos mais riqueza do que **4,6 BILHÕES DE PESSOAS**.



Os 22 homens mais ricos do mundo detêm mais riqueza do que todas as mulheres que vivem na África.



Uma pessoa que tivesse poupado US\$ 10.000 por dia desde que as pirâmides começaram a ser construídas no Egito teria hoje apenas um quinto da soma da fortuna média dos cinco bilionários mais ricos do mundo.

O **1% MAIS RICO DO MUNDO** detém mais que o dobro da riqueza de **6,9 BILHÕES DE PESSOAS**.



O valor monetário global do **TRABALHO DE CUIDADO NÃO REMUNERADO** prestado por mulheres a partir da faixa etária de 15 anos é de US\$ 10,8 trilhões por ano – três vezes maior do que o estimado para todo o **SETOR DE TECNOLOGIA DO MUNDO**.



Uma tributação adicional de 0,5% sobre a riqueza do 1% mais rico nos próximos 10 anos equivale aos investimentos necessários para se criar:



117 MILHÕES DE EMPREGOS em setores como o de educação, saúde e assistência a idosos e eliminar déficits na prestação de cuidados.

RESUMO EXECUTIVO



Uma mulher anda de moto em um bairro de baixa renda cercado por empreendimentos de luxo nos arredores da cidade de Ho Chi Minh, no Vietnã. Foto: Sam Tarling/Oxfam (2017)

UMA HISTÓRIA DE DOIS EXTREMOS

A desigualdade econômica está fora de controle. Em 2019, os bilionários do mundo, que somavam apenas 2.153 indivíduos, detinham mais riqueza do que 4,6 bilhões de pessoas.¹ Os 22 homens mais ricos do mundo detêm mais riqueza do que todas as mulheres que vivem na África.² Esses extremos de riqueza coexistem com uma enorme pobreza. Novas estimativas do Banco Mundial revelam que quase metade da população no mundo sobrevive com menos de US\$ 5,50 por dia e que a taxa de redução da pobreza caiu pela metade desde 2013.³

Esse grande fosso baseia-se em um sistema falho e sexista. Esse modelo econômico falido permitiu que poucas pessoas acumulassem grande riqueza e poder, em parte explorando o trabalho de mulheres e meninas e violando seus direitos sistematicamente.

No topo da pirâmide da economia global, uma pequena elite é inimaginavelmente rica. Sua riqueza cresce exponencialmente ao longo do tempo, sem muito esforço e independentemente de qualquer agregação de valor à sociedade.

Enquanto isso, na base da pirâmide econômica, mulheres e meninas, principalmente as que vivem em situação de pobreza e pertencem a grupos marginalizados, dedicam

gratuitamente⁴ 12,5 bilhões de horas todos os dias ao trabalho de cuidado e outras incontáveis horas recebendo uma baixíssima remuneração por essa atividade. Seu trabalho é essencial para nossas comunidades. Ele sustenta famílias prósperas e uma força de trabalho saudável e produtiva. A Oxfam calculou que esse trabalho agrega pelo menos US\$ 10,8 trilhões à economia.⁵ Mas essa cifra, ainda que enorme, é subestimada, e o número efetivo tende a ser ainda maior. No entanto, a maioria desses benefícios financeiros reverte para os mais ricos, que em grande parte são homens. Esse sistema injusto explora e marginaliza as mulheres e meninas mais afetadas pela pobreza, ao mesmo tempo em que aumenta a riqueza e o poder de uma elite rica.

Sem uma ação decisiva, essa situação se agravará muito. Populações em processo de envelhecimento, cortes em gastos públicos e mudanças climáticas podem exacerbar ainda mais a desigualdade de gênero e econômica e alimentar uma crise cada vez mais aguda para os que precisam de cuidados e os que cuidam. Enquanto a elite rica e poderosa tem recursos que podem poupá-la dos piores efeitos dessas crises, não se pode dizer o mesmo dos que vivem em situação de pobreza e não têm o mesmo poder.

Os governos precisam tomar medidas ousadas e decisivas para construir uma nova economia humana, que proporcione benefícios a todos, não apenas a poucos ricos, e valorize mais a prestação de cuidados e o bem-estar de todas as pessoas do que os lucros e a riqueza.

A ESCALA ATUAL DO FOSSO ENTRE RICOS E POBRES

O fosso entre os super-ricos e o resto da sociedade continua sendo inimaginavelmente profundo.⁶

- Em 2019, os bilionários do mundo, que somavam apenas 2.153 indivíduos, detinham mais riqueza do que 4,6 bilhões de pessoas.
- Os 22 homens mais ricos do mundo detêm mais riqueza do que todas as mulheres que vivem na África.
- O 1% mais rico do mundo detém mais que o dobro da riqueza de 6,9 bilhões de pessoas.
- Uma pessoa que tivesse poupado US\$ 10.000 por dia desde que as pirâmides começaram a ser construídas no Egito teria atualmente um quinto da fortuna média dos cinco bilionários mais ricos do mundo.
- Se todos se sentassem sobre suas riquezas empilhadas em notas de 100 dólares, a maior parte da humanidade ficaria sentada no nível do chão. Uma pessoa de classe média em um país rico ficaria sentada na altura de uma cadeira. Os dois homens mais ricos do mundo ficariam sentados no nível do espaço sideral.
- O valor monetário global do trabalho de cuidado não remunerado prestado por adolescentes e mulheres na faixa etária dos 15 anos ou mais é de pelo menos US\$ 10,8 trilhões por ano - três vezes mais alto que o estimado para o setor de tecnologia do mundo.
- Uma tributação adicional de 0,5% sobre a riqueza do 1% mais rico nos próximos 10 anos equivale aos investimentos necessários para se criar 117 milhões de empregos em educação, saúde e assistência a idosos e outros setores, e eliminar déficits de atendimento.

Quadro 1: Como medimos a desigualdade de riqueza no mundo

Ao destacar as dimensões da desigualdade econômica global, a Oxfam enfoca principalmente a desigualdade de riqueza, porque ela promove a captura de poder e da política e perpetua a desigualdade através de gerações.

No processo de compilar fatos sobre a desigualdade econômica⁷ para elaborar seus relatórios anuais, a Oxfam usa dados do relatório *Global Wealth* do banco Credit Suisse para analisar a riqueza, já que ele oferece o conjunto mais abrangente de dados sobre a distribuição global da riqueza.⁸ Coletar dados sobre a riqueza é uma tarefa muito difícil devido à baixa qualidade de grande parte das informações disponíveis. Acredita-se amplamente que os dados usados pelo Credit Suisse e outras instituições para estimar a riqueza sistematicamente subestimem sua efetiva escala.⁹

Há uma necessidade urgente de se investir muito mais na coleta de dados sobre a riqueza e a desigualdade de riqueza para que todos os países possam efetivamente compreender a verdadeira escala da crise da desigualdade e mensurar avanços logrados no sentido de eliminá-la.

Lideranças não estão tomando medidas necessárias, pessoas estão saindo às ruas para protestar

Em que pesem as constantes preocupações em torno do fosso entre ricos e pobres e das evidências concretas de seus efeitos corrosivos, a maioria das lideranças mundiais continua adotando agendas de políticas que ampliam as lacunas entre os que têm e os que não têm. A liderança de homens fortes,¹⁰ como a do presidente Trump nos Estados Unidos e a do presidente Bolsonaro no Brasil, são exemplos dessa tendência. Eles propõem políticas que reduzem impostos para bilionários¹¹, dificultando o enfrentamento da emergência climática, ou acirrando vigorosamente o racismo,¹² o sexismo¹³ e o ódio por minorias.¹⁴

Diante da postura de líderes como esses, pessoas em todas as partes do mundo estão unindo suas forças para dizer 'basta'. Do Chile à Alemanha, temos visto protestos gigantescos contra as desigualdades e a omissão diante do caos climático. Milhões de pessoas estão saindo às ruas e arriscando suas vidas para exigir o fim da extrema desigualdade e um mundo mais justo e sustentável.

A VISTA DO TOPO: SÓ LUCRO E NADA DE TRABALHO

No topo da pirâmide econômica, um grupo muito pequeno de pessoas, predominantemente composto por homens, concentra trilhões de dólares em suas mãos. Sua riqueza já é extrema e a nossa economia falida concentra cada vez mais riqueza nessas poucas mãos.

Recentemente, alguns comentaristas perguntaram se não seria melhor que o mundo "abolisse os bilionários",¹⁵ sugerindo que eles são um sinal de doença e não de saúde econômica. Estima-se que um terço da riqueza dos bilionários tenha origem em heranças.¹⁶ Esses níveis de herança criaram uma nova aristocracia que vem minando a democracia.

Uma vez garantidas, as fortunas dos super-ricos ganham um impulso próprio: as pessoas mais ricas podem simplesmente sentar e observar o crescimento da sua

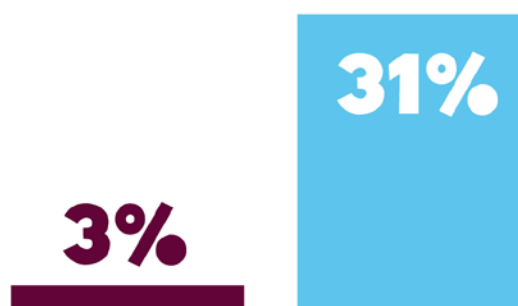
riqueza. Um aumento que contou com a ajuda de contadores muito bem remunerados, que lhes garantiram um retorno médio anual de 7,4% sobre sua riqueza nos últimos dez anos.¹⁷ Apesar do seu compromisso louvável de fazer doações filantrópicas, Bill Gates ainda tem uma fortuna de quase US\$ 100 bilhões, o dobro do que tinha quando era o chefe da Microsoft.

Um dos fatores que permite esses retornos exagerados é o colapso da tributação dos super-ricos e das maiores empresas do mundo em decorrência de alíquotas fiscais cada vez mais baixas e da evasão fiscal deliberada. Ao mesmo tempo, somente 4% das receitas fiscais globais provêm da tributação da riqueza¹⁸ e estudos indicam que os super-ricos evitam até 30% de seus impostos.¹⁹ Uma tributação de empresas extremamente baixa os ajuda a aumentar indevidamente os lucros de empresas das quais são os principais acionistas: entre 2011 e 2017, os salários médios nos países do G7 aumentaram 3%, enquanto os dividendos para acionistas ricos cresceram 31%.²⁰

Figura 2: Os retornos para acionistas ricos aumentaram drasticamente, enquanto os salários reais praticamente não subiram.

CRESCIMENTO ENTRE 2011 E 2017

- Salários médios nos países do G7
- Dividendos para acionistas ricos



Atualmente, a extrema riqueza também é baseada no sexismo. Nosso sistema econômico foi construído por homens ricos e poderosos, que continuam a ditar as regras e a ficar com a maior parte dos benefícios. No mundo todo, os homens detêm 50% a mais de riqueza do que as mulheres.²¹ Eles também ocupam em maior número posições de poder político e econômico: apenas 18% de todos os ministros e 24% de todos os parlamentares do mundo são mulheres e estima-se que elas ocupem apenas 34% de todos os cargos de direção em países para os quais dados estão disponíveis.²²

Figura 3: As economias do mundo recompensam mais os homens do que as mulheres.



As mulheres estão apoiando não apenas a economia de mercado, disponibilizando uma mão de obra mais barata e gratuita, mas também o Estado, prestando cuidados que deveriam ser oferecidos pelo setor público.²³ Segundo cálculos da Oxfam, o trabalho não remunerado de mulheres vem agregando pelo menos US\$ 10,8 trilhões por ano em valor à economia, cifra três vezes mais alta que a estimada para o setor de tecnologia. No entanto, embora altíssima, essa cifra pode estar subestimada. Devido à falta de disponibilidade de dados, ela foi calculada com base no salário mínimo, e não em um salário digno, e não foi considerado o valor mais amplo para a sociedade do trabalho de cuidado e seu papel na economia. Se fosse possível estimar a cifra efetiva desse apoio, o valor total do trabalho de cuidado não remunerado seria ainda mais alto. O que se observa visivelmente é que esse trabalho não remunerado está alimentando um sistema econômico sexista, que retira recursos de muitos e os coloca nos bolsos de poucos.

A VISTA DA BASE: SÓ TRABALHO E NADA DE LUCRO

Quase metade da população do mundo luta para sobreviver com US\$ 5,50 por dia ou menos,²⁴ de acordo com dados recentes do Banco Mundial. A distância de muitas pessoas da miséria é de apenas uma conta de hospital ou de uma colheita malsucedida. A desigualdade é uma das principais razões desse fenômeno. Uma enorme parcela do aumento da renda global constantemente beneficia os que estão no topo da pirâmide econômica, deixando os que estão na base cada vez mais para trás. Thomas Piketty e sua equipe mostraram que, entre 1980 e 2016, o 1% mais rico ficou com 27 centavos de cada dólar gerado pelo crescimento da renda global²⁵. Esse valor é maior que o dobro da parcela que beneficiou os 50% que estão na base da pirâmide, que ficaram com apenas 12 centavos de cada dólar gerado por esse crescimento.^{26 27} Se permitirmos que o sistema econômico continue a distribuir os frutos do crescimento de maneira tão desigual, jamais eliminaremos a pobreza.²⁸ Esse crescimento desigual e desenfreado é também insustentável e impossibilita que vivamos dentro dos limites ambientais do nosso planeta.²⁹

A desigualdade econômica também se baseia na desigualdade de gênero e a maioria das pessoas situadas na base da pirâmide econômica são mulheres. A probabilidade de mulheres e meninas estarem em empregos mal remunerados e precários é maior e são elas que assumem a maior parte do trabalho de cuidado não remunerado e mal pago.³⁰ O modelo de capitalismo dominante explora e impulsiona ativamente crenças sexistas tradicionais que desempoderam mulheres e meninas,³¹ ainda que contando com elas para fazer esse trabalho, mas se recusando a valorizá-las por isso.

ENTENDENDO QUEM CUIDA

O trabalho de cuidado é essencial para nossas sociedades e para a economia. Ele inclui o trabalho de cuidar de crianças, idosos e pessoas com doenças e deficiências físicas e mentais, bem como o trabalho doméstico diário que inclui cozinhar, limpar, lavar, consertar coisas e buscar água e lenha.³² Se ninguém investisse tempo, esforços e recursos nessas tarefas diárias essenciais, comunidades, locais de trabalho e economias inteiras ficariam estagnadas.

Em todo o mundo, o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago é desproporcionalmente assumido por mulheres e meninas em situação de pobreza, especialmente por aquelas que pertencem a grupos que, além da discriminação de gênero, sofrem preconceito em decorrência de sua raça, etnia, nacionalidade, sexualidade e casta.³³ As mulheres são responsáveis por mais de três quartos do cuidado não remunerado e compõem dois terços da força de trabalho envolvida em atividades de cuidado remuneradas.³⁴

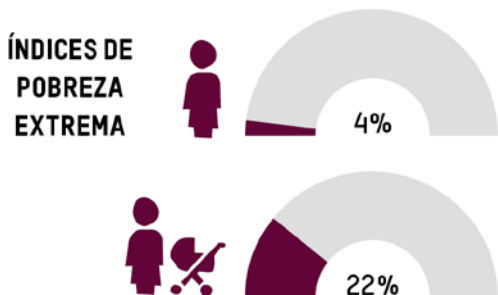


Shienna Cabus e sua filha coletam água em uma fonte local em Eastern Samar, nas Filipinas. Elas usam um carrinho para transportar os galões cheios de água para casa. Shienna é integrante da Associação de Autoajuda Bangon Pangdan.
Foto: Aurelie Marrier d'Unienville/Oxfam (2017)

Figura 4: A pesada e desigual responsabilidade pelo trabalho de cuidado não remunerado recai sobre mulheres e meninas

● Mulheres ● Homens

A diferença de renda entre homens e mulheres aumenta no auge da idade produtiva e reprodutiva das mulheres. A falta de tempo aumenta ainda mais o fosso entre gêneros.



Mulheres que vivem em comunidades rurais e países de baixa renda dedicam até 14 horas por dia ao trabalho de cuidado não remunerado, cinco vezes mais do que o tempo que homens dessas comunidades dedicam a esse tipo de trabalho.



Em todo o mundo, 42% das mulheres em idade ativa estão fora do mercado de trabalho, frente a 6% dos homens, o que se deve a responsabilidades não remuneradas pela prestação de cuidado.



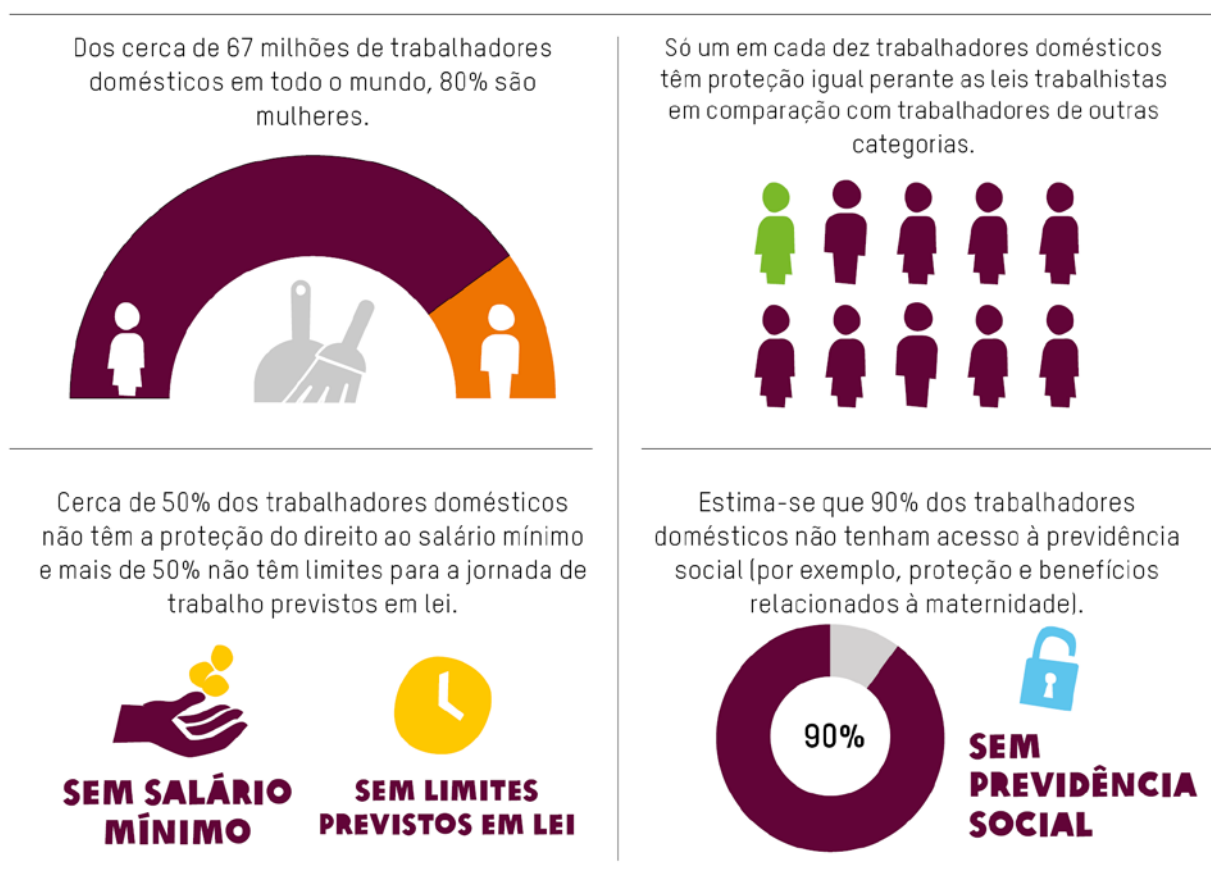
Meninas que realizam um grande volume de trabalho de cuidado não remunerado apresentam taxas de frequência escolar mais baixas que outras meninas.



Ayan caminha para buscar água em um poço. Ela vive em um campo para refugiados em Garadag, na Somália. Devido à seca prolongada na região, a família perdeu o rebanho que garantia seu sustento e luta para encontrar comida e água. Foto: Petterik Wiggers/Oxfam (2017)

Além de prestar cuidado em casa sem remuneração, muitas mulheres em situação de pobreza também cuidam de outras pessoas, como por exemplo trabalhadoras domésticas,³⁵ uma das categorias profissionais mais exploradas do mundo. Somente 10% das trabalhadoras domésticas são protegidas por leis trabalhistas gerais na mesma medida que outros trabalhadores³⁶ e apenas cerca de metade delas desfruta da mesma proteção em termos de salário mínimo.³⁷ Mais da metade de todas as trabalhadoras domésticas não tem limite para a jornada de trabalho previstos na legislação nacional.³⁸ Nos casos mais extremos de trabalho forçado e tráfico de mão de obra, as trabalhadoras domésticas se veem presas nas residências de seus patrões, com todos os aspectos de suas vidas controlados, o que as torna invisíveis e desprotegidas.³⁹ Estima-se que US\$ 8 bilhões sejam roubados todos os anos das 3,4 milhões de trabalhadoras domésticas que se encontram em situação de trabalho forçado no mundo, cifra equivalente a 60% dos seus salários devidos.⁴⁰

Figura 5: Trabalhadoras domésticas - uma das categorias mais exploradas do mundo



Quadro 2: Abuso de trabalhadoras domésticas

Regina (nome fictício) foi traficada para o Reino Unido por um empregador rico para trabalhar na residência dele. Ela explicou que, assim que chegou a Londres, foi obrigada a trabalhar das 6h às 23h todos os dias no elegante apartamento do seu empregador situado no centro da cidade. Regina não recebeu nenhuma remuneração durante o tempo em que trabalhou por lá e foi proibida de entrar em contato com seus familiares ou de falar com qualquer pessoa fora da residência de seus empregadores. Ela dormia na lavanderia e se alimentava de sobras de comida. Regina teve seu passaporte confiscado e afirma que sofria abusos verbais frequentes por parte dos empregadores, que a chamavam de “estúpida” e “inútil”.⁴¹

A pesada e desigual responsabilidade pelo trabalho de cuidado perpetua as desigualdades de gênero e econômica. Ela prejudica a saúde e o bem-estar de trabalhadores de cuidado – em sua maioria mulheres – e limita sua prosperidade econômica ao ampliar diferenças de gênero no emprego e nos salários. Além disso, as mulheres e meninas que assumem essa responsabilidade têm pouco tempo para si mesmas e, portanto, não conseguem satisfazer suas necessidades básicas ou participar de atividades sociais e políticas. Na Bolívia, por exemplo, 42% das mulheres afirmam que o trabalho de cuidado constitui o maior obstáculo à sua participação na política.⁴²

Quadro 3: Falta de tempo na Índia: “Não tenho tempo nem para morrer”

Buchhu Devi acorda às três da manhã para cozinhar, limpar a casa e preparar o café da manhã e o almoço para sua família. Há um poço perto da sua casa, mas, por pertencer à casta dalit (a mais baixa da sociedade indiana), ela não tem permissão para usá-lo. Assim, Buchhu precisa andar três quilômetros para buscar água. Ela faz isso três vezes por dia. Buchhu afirma que trabalha em um canteiro de obras das 8h às 17h e, após o expediente, precisa realizar suas tarefas domésticas noturnas: buscar água e lenha, lavar roupa, cozinhar, limpar a casa e ajudar seus filhos com tarefas escolares. O dia dela termina à meia-noite. Se ela não busca lenha, a família não tem como comer e seu marido costuma espancá-la por conta disso. Ela diz: “Não tenho tempo nem para morrer, porque todos me amaldiçoariam... Quem cuidará deles e trará dinheiro para casa quando se eu morrer?”

Fonte: Dutta, Diya. (2019). ‘No work is Easy! Notes from the Field on Unpaid Care Work for Women’, *Mind the Gap: The State of Employment in India 2019*, Oxfam India. <https://www.oxfamindia.org/Mind-Gap-State-of-Employment-in-India>

Apesar de lançar as bases para uma sociedade próspera, o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago é praticamente invisível. Ele perpetua e, ao mesmo tempo, é perpetuado pela desigualdade econômica e de gênero. O trabalho de cuidado é extremamente subestimado e desvalorizado por governos e empresas, sendo muitas vezes considerado um “não trabalho”. Os gastos com esse tipo de trabalho são considerados custos e não investimentos e, conseqüentemente, os cuidados prestados se tornam invisíveis em indicadores de progresso econômico e agendas de políticas.

A iminente crise da prestação de cuidados

O mundo enfrenta uma crise de prestação de cuidados devido aos impactos do envelhecimento da população, a cortes em serviços públicos e sistemas de proteção social e aos efeitos das mudanças climáticas – ameaçando piorar a situação e aumentar o ônus que recai sobre trabalhadoras de cuidado.

Figura 6: A iminente crise da prestação de cuidados



A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estimou que, até 2030, haverá um número adicional de 100 milhões de idosos e de 100 milhões de crianças de 6 a 14 anos que necessitarão de cuidados.⁴³ À medida que envelhecerem, os idosos precisarão de cuidados mais críticos e de longo prazo⁴⁴ de sistemas de saúde que estão mal preparados para atendê-los.⁴⁵

Em vez de ampliar programas sociais e gastos para investir na prestação de cuidado e combater a desigualdade, os países estão aumentando a tributação de pessoas em situação de pobreza, reduzindo gastos públicos e privatizando a educação e a saúde, muitas vezes seguindo o conselho de instituições financeiras como o Fundo Monetário Internacional (FMI). A Oxfam mostrou recentemente como programas do FMI que adotam essa abordagem na Tunísia, no Egito e na Jordânia afetaram negativamente as mulheres, ameaçando aumentar a desigualdade.⁴⁶ Os governos continuam a se valer do imposto sobre valor agregado (IVA), apesar de ser um imposto regressivo que atinge mais a população ainda mais pobre⁴⁷ e de evidências de que ele impõe um ônus desproporcional a cuidadoras.⁴⁸

Os cortes do governo também estão pressionando organizações de mulheres. No Brasil, os cortes nos gastos públicos realizados em 2017 contribuíram para uma redução de 66% nos recursos federais do orçamento inicialmente alocado naquele ano para programas de direitos das mulheres que promovem a igualdade de gênero.⁴⁹

O colapso climático já está impondo um ônus mais pesado às mulheres. Estima-se que cerca de 2,4 bilhões de pessoas viverão em áreas sem água suficiente até 2025, o que significa que mulheres e meninas serão forçadas a caminhar distâncias cada vez maiores para encontrá-la.⁵⁰ As mudanças climáticas também reduzirão a quantidade de alimentos produzidos e aumentarão a incidência de doenças, o que demandará ainda mais esforço e tempo de mulheres e meninas, que deverão dar conta do aumento do volume de trabalho para lidar com essa situação e, conseqüentemente, dedicar ainda mais horas do seu dia para isso.

É POSSÍVEL CONSTRUIR UM MUNDO MAIS JUSTO

Governos de todo o mundo podem e devem construir uma economia humana que seja feminista e beneficie os 99% e não apenas os 1% da população. Esse seria um mundo onde todas as pessoas teriam empregos assegurados com salários decentes, ninguém viveria com medo de arcar com os altos custos do tratamento de uma doença e todas as crianças teriam a oportunidade de realizar todo seu potencial. Nossa economia prosperaria dentro dos limites do nosso planeta, deixando um mundo melhor a cada nova geração.

O drástico nível de desigualdade econômica e a iminente crise de prestação de cuidado podem ser revertidos, mas serão necessários esforços conjuntos e decisões políticas ousadas para reparar os danos causados e criar sistemas econômicos que atendam a todas cidadãs e cidadãos. O desenvolvimento de sistemas nacionais de cuidado, com a plena participação da sociedade civil e, em particular, de grupos e movimentos que defendem os direitos das mulheres, é um passo fundamental nessa direção. Ações adicionais de redistribuição do trabalho de cuidado devem ser integradas a uma abordagem abrangente de políticas redistributivas no intuito de diminuir o fosso entre ricos e pobres, o que abrange a tributação progressiva, serviços públicos gratuitos e sistemas de proteção social, além de políticas que limitem a influência das corporações e dos super-ricos.

A economia feminista e a igualdade de gênero são fundamentais para uma economia humana, e um elemento essencial dessa nova economia mais justa é abordar integralmente o papel do trabalho de cuidado não remunerado e mal pago. A construção de um mundo mais igualitário só será possível com mudanças fundamentais na maneira como esse trabalho é realizado e valorizado.

Durante décadas, economistas feministas, a sociedade civil e defensores do trabalho de cuidado propuseram um conjunto de soluções para redefinir radicalmente a prioridade desse tipo de trabalho: o marco transformador dos “4R”. Esses princípios devem ser levados em consideração.

1. **Reconhecer** o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago, que é realizado principalmente por mulheres e meninas, como um tipo de trabalho ou produção com valor real.
2. **Reduzir** o número total de horas dedicadas a tarefas de cuidado não remuneradas ampliando o acesso a equipamentos acessíveis, de qualidade e que economizem tempo e a infraestruturas de apoio à prestação de cuidado.
3. **Redistribuir** o trabalho de cuidado não remunerado de maneira mais justa dentro da família e, ao mesmo tempo, transferir a responsabilidade desse tipo de trabalho para o Estado e para o setor privado.
4. **Representar cuidadoras mais marginalizadas**, garantindo que participem ativamente do desenho e da implementação de políticas, serviços e sistemas que afetam suas vidas.

É possível mudar. Do movimento em prol de trabalhadoras domésticas etíopes no Líbano, liderado por Engna Legna Besdet, passando por campanhas como a *Domestic Workers Rising*, na África do Sul, as mulheres estão exigindo mudanças e reivindicando seus direitos. E os governos estão começando a escutar. O inovador sistema integrado de cuidados do Uruguai consagra o direito de cuidar e ser cuidado e também os direitos de cuidadoras e cuidadores, enquanto a Nova Zelândia introduziu, em 2019, um aclamado orçamento de promoção do bem-estar da população. No entanto, mais ações são necessárias.



Naima Hammami, a primeira mulher eleita para a diretoria executiva do Centro Sindical Nacional da Tunísia (Union Générale Tunisienne du Travail - UGTT), comemora sua conquista com colegas. A Comissão de Mulheres do UGTT trabalham para promover a participação das mulheres no espaço público e político e os direitos das mulheres na região MENA. Foto: Ons Abid/Oxfam Novib (2017)

A Oxfam está propondo seis ações para ajudar a realizar os direitos de cuidadoras e cuidadores e começar a fechar a lacuna entre trabalhadoras de cuidado não ou mal remunerados e a elite rica, quem mais lucrou com esse trabalho.

RECOMENDAÇÕES

- 1. Investir em sistemas nacionais de prestação de cuidados para solucionar a questão da responsabilidade desproporcional pelo trabalho de cuidado realizado por mulheres e meninas:** Os governos devem investir em sistemas nacionais intergovernamentais de prestação de cuidados, além de investir e transformar os serviços públicos e a infraestrutura existentes. Os sistemas nacionais de prestação de cuidados devem abranger o acesso universal a água potável, saneamento e energia doméstica e garantir investimentos em serviços universais de cuidados a crianças, idosos e pessoas com deficiência. Essa estrutura deve incluir também o acesso a sistemas de saúde e educação de qualidade e um modelo de proteção social universal, como pensões e benefícios para crianças. Como parte dos sistemas nacionais de prestação de cuidados, os governos devem garantir uma licença-maternidade remunerada de, no mínimo, 14 semanas e implementar gradualmente uma licença parental remunerada de um ano, incluindo uma fase em que, caso não seja usada, perde-se o direito de usufruí-la.
- 2. Acabar com a riqueza extrema para erradicar a pobreza extrema:** A riqueza extrema é um sinal de fracasso do sistema econômico.⁵¹ Os governos devem adotar medidas para reduzir drasticamente o fosso entre os muito ricos e o resto da sociedade e priorizar o bem-estar de todas as cidadãs e cidadãos em detrimento de lucros e crescimento insustentáveis, evitando um mundo que atenda apenas alguns poucos privilegiados e relegue milhões de pessoas à pobreza. Os governos devem tomar medidas ousadas e decisivas, tributando a riqueza e rendas elevadas e eliminando brechas e regras tributárias globais inadequadas que permitem que empresas e indivíduos ricos se esquivem de suas responsabilidades fiscais.
- 3. Legislar para proteger os direitos de todas as cuidadoras e cuidadores e garantir salários dignos:** Como parte de seus sistemas nacionais de prestação de cuidados, os governos devem garantir e monitorar a implementação de políticas jurídicas, econômicas e de mercado de trabalho que protejam os direitos de todos os cuidadores e trabalhadores de cuidado remunerados, tanto no setor formal como no informal. Essa abordagem deve incluir a ratificação da Convenção 189 da OIT sobre a proteção de trabalhadoras e trabalhadores domésticos e de políticas que garantam um salário digno, bem como ações em prol da eliminação de diferenças salariais de gênero.

4. **Garantir que cuidadoras e cuidadores tenham influência em processos decisórios:** Os governos devem facilitar a participação de cuidadores não remunerados e trabalhadoras de cuidado em fóruns e processos de formulação de políticas em todos os níveis, além de investir recursos na coleta de dados abrangentes que possam melhor subsidiar a formulação de políticas e a avaliação de seus impactos. Esse processo deve ser acompanhado de consultas a atores de defesa dos direitos das mulheres, economistas feministas e especialistas da sociedade civil sobre questões relacionadas à prestação de cuidado, além do aumento do financiamento para organizações e movimentos de mulheres que trabalham para permitir sua participação em processos decisórios. Essas medidas são elementos importantes dos sistemas nacionais de prestação de cuidado.
5. **Desafiar normas prejudiciais e crenças sexistas:** Normas prejudiciais e crenças sexistas que consideram o trabalho de cuidado uma responsabilidade de mulheres e meninas levam a uma distribuição desigual de gênero no trabalho de cuidado e perpetuam a desigualdade econômica e de gênero. Como parte dos sistemas nacionais de prestação de cuidados, os governos devem investir recursos para desafiar essas normas e crenças, por meio de propaganda, comunicação pública e legislação. Além disso, os homens devem se esforçar para cumprir suas responsabilidades no trabalho de cuidado de modo a equacionar o volume desproporcional de cuidados prestados por mulheres nas famílias e comunidades.
6. **Valorizar o cuidado em políticas e práticas empresariais:** As empresas devem reconhecer o valor do trabalho de cuidado e promover o bem-estar de trabalhadores e trabalhadoras. Além disso, elas devem apoiar a redistribuição do cuidado oferecendo benefícios e serviços como creches e vales-creche e garantir salários dignos para prestadores de cuidado.⁵² As empresas devem assumir sua responsabilidade pela contribuição para a implementação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, pagando sua parcela justa de impostos, implementando práticas de emprego favoráveis a quem tem família, como horários flexíveis de trabalho e férias remuneradas, e usando anúncios progressistas e a comunicação pública para desafiar a distribuição de gênero do trabalho de cuidado.

NOTAS

Todas as fontes disponíveis na internet foram verificadas em 12 de dezembro de 2019.

- 1 P. Espinoza Revollo (2020). "Time to Care: Methodology note". Oxfam. <http://dx.doi.org/10.21201/2020.5419>
- 2 P. Espinoza Revollo (2020). "Time to Care: Methodology note". Oxfam. <http://dx.doi.org/10.21201/2020.5419>
- 3 Banco Mundial (2018). "Poverty and Shared Prosperity 2018: Piecing Together the Poverty Puzzle" <https://www.worldbank.org/en/publication/poverty-and-sharedprosperity>
- 4 L. Addati, U. Cattaneo, V. Esquivel e I. Valarino (2018). "Care Work and Care Jobs for the Future of Decent Work". Genebra: Organização Internacional do Trabalho. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_633135.pdf
- 5 P. Espinoza Revollo (2020). "Time to Care: Methodology note". Oxfam. <http://dx.doi.org/10.21201/2020.5419>
- 6 Para conhecer os cálculos que a Oxfam utilizou para chegar a esses dados, consulte a nota metodológica: P. Espinoza Revollo (2020). Op. cit.
- 7 P. Espinoza Revollo (2020). "Time to Care: Methodology note". Op. cit.
- 8 Relatórios anuais do Credit Suisse: "Global Wealth Report 2019", veja <https://www.credit-suisse.com/about-us/en/reports-research/global-wealth-report.html>
- 9 As três fontes usadas pelo Credit Suisse são as seguintes: balanços nacionais de domicílios, dados de pesquisas sobre riqueza e listas de bilionários da Forbes (para ajudar a os que estão no topo da pirâmide da riqueza). Já foi demonstrado que todas essas três fontes subestimam a escala da riqueza de quem está no topo da sociedade, sobretudo porque os mais ricos não estão dispostos a responder a pesquisas ou dar respostas precisas.
- 10 Fairbank Center for Chinese Studies (2018). "Strongman Politics in the 21st Century" <https://fairbank.fas.harvard.edu/events/panel-discussion-strong-man-politics-in-the21st-century/>
- 11 J. Nunns, L. Burman, J. Rohaly e J. Rosenberg. (2016). "An Analysis of Donald Trump's revised Tax Plan". <https://www.taxpolicycenter.org/publications/analysisdonald-trumps-revised-tax-plan>
- 12 K. Lum. (Janeiro de 2019). "The Effects of Bolsonaro's Hate Speech on Brazil. Racism Monitor".
- 13 J. Lange (16 de outubro de 2018). "61 Things Donald Trump Has Said About Women". The Week. <https://theweek.com/articles/655770/61-things-donald-trump-said-aboutwomen>
- 14 G. Epps (13 de outubro de 2016). "Donald Trump's Attacks on the Rights of Minority Voters". The Atlantic. <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2016/10/trump-electionintimidation-minority-voters/504014/>; M. Savarese (3 de janeiro de 2019). "Jair Bolsonaro: Brazil's far-right President targets minorities on first day in office". The Independent. <https://www.independent.co.uk/news/world/americas/jair-bolsonaro-brazil-first-dayexecutive-orders-indigenous-lands-lgbt-privatisation-gun-control-a8709801.html>
- 15 F. Manjoo. (6 de fevereiro de 2019). "Abolish Billionaires: A Radical Idea is Gaining Adherents on the Left. It's the Perfect Way to Blunt Tech-driven Inequality". The New York Times. <https://www.nytimes.com/2019/02/06/opinion/abolish-billionaires-tax.html>
- 16 D. Jacobs (2015). "Extreme Wealth is not Merited". Disponível em: https://www-cdn.oxfam.org/s3fs-public/file_attachments/dp-extreme-wealth-is-not-merited-241115-en.pdf
- 17 Cálculos da Oxfam; veja a nota metodológica: P. Espinoza Revollo (2020). Op. cit.
- 18 Max Lawson, et al. (2019). "Public Good or Private Wealth? Universal health, education and other public services reduce the gap between rich and poor, and between women and men. Fairer taxation of the wealthiest can help pay for them". Oxfam. <https://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/public-good-or-privatewealth-universal-health-education-and-other-public-servi-620599>. DOI: <http://dx.doi.org/10.21201/2019.3651>
- 19 A. Alstadsaeter, J. Niels e G. Zucman (2017). "Tax Evasion and Inequality". National Bureau of Economic Research. DOI: 10.3386/w23772 <https://www.nber.org/papers/w23772>

- 20 C. Mariotti (2019). "The G7's Deadly Sins: How the G7 is fuelling the inequality crisis". Oxfam. <https://www.oxfam.org/en/research/g7s-deadly-sins>
- 21 Credit Suisse (2018). "Global Wealth Report 2018". <https://www.creditsuisse.com/about-us/news/en/articles/news-and-expertise/global-wealth-report-2018-us-and-china-in-the-lead-201810.html>
- 22 Fórum Econômico Mundial (2018). "The Global Gender Gap Report 2018". http://www3.weforum.org/docs/WEF_GGGR_2018.pdf
- 23 Max Lawson, et al. (2019). "Public Good or Private Wealth? Op. cit.
- 24 Banco Mundial (2018). "Poverty and Shared Prosperity 2018: Piecing together the poverty puzzle". <https://www.worldbank.org/en/publication/poverty-and-sharedprosperity>
- 25 World Inequality Report (2018). <https://wir2018.wid.world/>
- 26 World Inequality Report (2018). <https://wir2018.wid.world/>
- 27 Os números da desigualdade de renda são mais precisos para essa perspectiva histórica. É possível ter uma visão histórica semelhante sobre a evolução da desigualdade de riqueza, mas não com base em dados tão precisos e confiáveis.
- 28 C. Larkner, D. Mahler, M. Negre e. Prydz (2019). "How Much Does Reducing Inequality Matter for Global Poverty?" World Bank Policy Research Working Paper 8869. <http://documents.worldbank.org/curated/en/328651559243659214/pdf/HowMuch-Does-Reducing-Inequality-Matter-for-Global-Poverty.pdf>
- 29 K. Raworth (2017). "A Doughnut for the Anthropocene: humanity's compass in the 21st century. The Lancet: Planetary Health". DOI: [https://doi.org/10.1016/S2542-5196\(17\)30028-1](https://doi.org/10.1016/S2542-5196(17)30028-1) [https://www.thelancet.com/journals/lanplh/article/PIIS2542-5196\(17\)30028-1/fulltext#articleInformation](https://www.thelancet.com/journals/lanplh/article/PIIS2542-5196(17)30028-1/fulltext#articleInformation)
- 30 L. Addati, U. Cattaneo, V. Esquivel e I. Valarino (2018). "Care Work and Care Jobs for the Future of Decent Work". Genebra: Organização Internacional do Trabalho. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_633135.pdf
- 31 C. Arruzza, T. Bhattacharya e N. Fraser (2019). "Feminism for the 99%: A Manifesto". Londres: Verso. <https://www.versobooks.com/books/2924-feminism-for-the99> add S. Federici (2004) Caliban and the Witch Autonomia Publishing
- 32 L. Addati, U. Cattaneo, V. Esquivel e I. Valarino (2018). "Care Work and Care Jobs for the Future of Decent Work". Op. cit.
- 33 L. Addati, U. Cattaneo, V. Esquivel e I. Valarino (2018). "Care Work and Care Jobs for the Future of Decent Work". Op. cit.
- 34 L. Addati, U. Cattaneo, V. Esquivel e I. Valarino (2018). "Care Work and Care Jobs for the Future of Decent Work". Op. cit.
- 35 A OIT define o trabalho doméstico como aquele realizado em ou para uma ou mais famílias. Isso pode incluir quem reside ou não na residência em que trabalha, aqueles que trabalham por hora ou por dia para múltiplos empregadores, aqueles que trabalham por meio de um intermediário (público ou privado) e aqueles que realizam uma série de trabalhos de cuidado indiretos e diretos, o que inclui cuidar de crianças e idosos, limpar, cozinhar, lavar roupas, etc.
- 36 Organização Internacional do Trabalho (2013). "Domestic Workers Across the World: Global and Regional Statistics and the Extent of Legal Protection". Genebra: Organização Internacional do Trabalho.
- 37 Organização Internacional do Trabalho (2013). "Domestic Workers Across the World: Global and Regional Statistics and the Extent of Legal Protection". Op. cit.
- 38 L. Addati, U. Cattaneo, V. Esquivel e I. Valarino (2018). "Care Work and Care Jobs for the Future of Decent Work". Op. cit.
- 39 Organização Internacional do Trabalho (2013). "Domestic Workers Across the World: Global and Regional Statistics and the Extent of Legal Protection". Op. cit.
- 40 OIT (2014). "Profits and Poverty: the economics of forced labour". Genebra: OIT. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_norm/---declaration/documents/publication/wcms_243391.pdf
- 41 Kalayaan. Estudo de caso. <http://www.kalayaan.org.uk/case-study/case-study-1-trafficked/>

- 42 Tiempo para cuidar. Website. <https://actions.oxfam.org/bolivia/CUIDADO2019/petition/>
- 43 L. Addati, U. Cattaneo, V. Esquivel e I. Valarino (2018). “Care Work and Care Jobs for the Future of Decent Work”. Op. cit.
- 44 R. Jackson, N. Howe e T. Peter. (2013). “The Global Aging Preparedness Index”. Segunda Edição. Center for Strategic and International Studies (CSIS). https://csisprod.s3.amazonaws.com/s3fspublic/legacy_files/files/publication/131010_Jackson_GlobalAgingPreparednessIndex_2E_Web.pdf
- 45 Population Reference Bureau. (1º de abril de 2016). “Health Care Challenges for Developing Countries with Aging Populations”. <https://www.prb.org/healthcarechallengesfordevelopingcountrieswithagingpopulations/>
- 46 N.Abdo (2019). “The Gendered Impact of IMF Policies in MENA: The case of Egypt, Jordan and Tunisia”. Oxfam <https://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/the-gendered-impact-of-imf-policies-in-mena-the-case-of-egypt-jordan-and-tunisia-620878>
- 47 Programme Promoting Gender Equality and Women’s Rights. (sem data). “Why Care About Taxation and Gender Equality”. GTZ. <https://www.oecd.org/dac/genderdevelopment/44896295.pdf>
- 48 Organização das Nações Unidas (2018). “Effects of foreign debt and other related financial obligations of States on the full enjoyment of all human rights, particularly economic, social and cultural rights”. Nota para a Assembleia Geral das Nações Unidas. <https://documents-ddsny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N18/229/04/PDF/N1822904.pdf?OpenElement>
- 49 Centre for Economics and Social Rights (14 de dezembro de 2017). “Brazil’s Austerity Cap Stunting Rights to Food, Health and Education”. Comunicado à imprensa. <http://www.cesr.org/brazils-austerity-cap-stunting-rights-food-health-and-education>
- 50 CARE Danmark (2016). “Fleeing Climate Change: Impacts on Migration and Displacement”. https://careclimatechange.org/wpcontent/uploads/2016/11/FleeingClimateChange_report.pdf
- 51 D. Hardoon (2017). “An Economy for the 99%: It’s time to build a human economy that benefits everyone, not just the privileged few”. Oxfam. <https://policypractice.oxfam.org.uk/publications/an-economy-for-the-99-its-time-to-build-a-humaneconomy-that-benefits-everyone-620170>. DOI: <http://dx.doi.org/10.21201/2017.8616>
- 52 Oxfam GB e Unilever (2019). “Business Briefing on Unpaid Care and Domestic Work: Why unpaid care by women and girls matters to business, and how companies can address it”. Oxfam GB e Unilever. <https://policypractice.oxfam.org.uk/publications/business-briefing-on-unpaid-care-and-domesticwork-why-unpaid-care-by-women-and620764>. DOI:

OXFAM

A Oxfam é uma confederação internacional de 19 organizações trabalhando em rede em mais de 90 países, como parte de um movimento global pela transformação, com o objetivo de construir um futuro livre da injustiça da pobreza. Para mais informações, visite www.oxfam.org.br

Oxfam América (www.oxfamamerica.org)

Oxfam Austrália (www.oxfam.org.au)

Oxfam na Bélgica (www.oxfamsol.be)

Oxfam Brasil (www.oxfam.org.br)

Oxfam Canadá (www.oxfam.ca)

Oxfam França (www.oxfamfrance.org)

Oxfam Alemanha (www.oxfam.de)

Oxfam GB (www.oxfam.org.uk)

Oxfam Hong Kong (www.oxfam.org.hk)

Oxfam IBIS (Dinamarca) (www.oxfamibis.dk)

Oxfam Índia (www.oxfamindia.org)

Oxfam Intermón (Espanha) (www.oxfamintermon.org)

Oxfam Irlanda (www.oxfamireland.org)

Oxfam Itália (www.oxfamitalia.org)

Oxfam México (www.oxfammexico.org)

Oxfam Nova Zelândia (www.oxfam.org.nz)

Oxfam Novib (Holanda) (www.oxfamnovib.nl)

Oxfam Québec (www.oxfam.qc.ca)

Oxfam África do Sul (www.oxfam.org.za)

Observador:

KEDV (Oxfam Turquia)